



Em Brasília desde que a cidade não passava de “uma manchinha no meio do nada”, Helena de Sousa Carvalho acompanhou de perto o crescimento da capital, pela qual se apaixonou

BRAVOS CANDANGOS

Fotos: Gustavo Moreno/CB/D'A Press



Testemunha da criação

Testemunha da criação de um sonho

» LEILANE MENEZES

A carioca Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho veio a Brasília por uma estrada que não existia. Em cima de um jipe, precisou desbravar o caminho que a traria do Rio de Janeiro até aqui. Deixou sua terra natal ao lado do marido, o engenheiro Aluízio de Sousa Carvalho, em janeiro de 1959. Em um pedaço de papel, o casal trazia a rota oferecida por um primo.

O "mapa" havia sido entregue aos dois como um roteiro pontual. Mas era, na verdade, um planejamento de construção da estrada que seria feita somente 10 anos depois. "O primo se confundiu. Achou que a estrada estava pronta. Mas a gente não desistiu, mesmo assim", lembra a pioneira.

Aventuraram-se entre árvores e animais, na intenção de, finalmente, ter diante dos olhos o cerrado de terra vermelha que tanto sonhavam conhecer. À época, eram jovens recém-casados. Mudaram-se para Brasília dias depois da cerimônia. Queriam viver em um mundo novo. Quando aqui pisaram, Aluízio apontou uma "manchinha no meio do nada". Era o Núcleo Bandeirante. "Me apaixonei pela manchinha na hora", conta Helena. Ao chegar, o casal já tinha onde morar: o endereço era a Fundação da Casa Popular, Quadra 23, casa 62. Ali, viveram momentos felizes.

Lugar diferente

Helena se lembra com carinho do clima de amizade entre os candangos. "Logo na chegada, eu e Aluízio adoecemos, ao mesmo tempo, de gripe. Mal conseguimos cozinhar. Um dia, uma senhora bateu à minha porta, com uma sopeira de porcelana enorme. Estava cheia de canja. Ela me disse: 'Você não me conhece, mas eu soube que vocês estavam doentes e vim ajudar'. Isso era Brasília. O sonho de um

mundo melhor, onde todos estavam dispostos a construir algo", relatou.

Aluízio — hoje já falecido — havia sido convidado a trabalhar como engenheiro da Novacap. Era um dos encarregados de medir as rodovias construídas no DF. Anos depois, passou a estar também entre os principais responsáveis pela construção de diversas superquadras. Ergueu espaços ilustres, como o prédio no qual Juscelino Kubitschek viveu em um apartamento com a família, antes da inauguração, na 208 Sul. Helena, que ainda não tinha filhos ou formação profissional, acompanhava o marido por todo lado.

Assim, participou ativamente da construção de estradas e edifícios de todo o Distrito Federal. No dia da inauguração, lá estava Helena. Carregando uma barriga de cinco meses de gravidez, ela se espremeu ao lado de Aluízio, entre uma multidão para assistir à primeira missa da capital, rezada em frente ao Supremo Tribunal de Justiça (STF).

"Quando a gente chegou, já estava tudo muito cheio. Eu vi as portas do STF, que ainda estava em obra, e quis saber, por curiosidade, se nenhuma estava aberta. A terceira que eu testei abriu. Entrei, levando meu marido e um casal de amigos, e vi a missa de camarote. Sentei em uma poltrona lá dentro do STF, com vista privilegiada."

No dia seguinte, ela chegou cedo para o desfile de inauguração, entre os candangos. Seguiu com os olhos em JK, seu ídolo e "melhor presidente que o Brasil já teve", como diz. "Nunca se viu um governante como ele. Estava no meio das pessoas, com as botas cheias de barro. Inacreditável." O barrigão onde se alojava Cristiano, o primeiro filho do casal, não a desanimava. A emoção era maior. Um arco-íris misterioso pairava no céu. "Não tinha uma nuvem, nem chuva. Ninguém conseguiu explicar o arco-íris." Era o céu participando da festa. Helena fotografava tudo com uma câmera muito simples, que ganhara na infância.



Vejo a cidade como se fosse a minha filha mais velha. Brasília não foi feita de cimento, mas de solidariedade. Tem espírito. É um sonho do qual jamais vou desistir"

Helena Carvalho, pioneira

www.correobraziliense.com.br



Acompanhe a série de reportagens *Bravos candangos* pelo site do Correio.

Primeiros tempos

Ela registrou em imagens as obras de Brasília, a W3 Sul cheia de lama, o Lago Paranoá em cada etapa de preenchimento, as belezas naturais (como as cachoeiras), os fogos de artifício no céu escuro na noite da inauguração e a euforia de uma vida que apenas começava. Naquela época, já pensava em contar a experiência em um livro.

Hoje, 50 anos depois, deu forma ao plano. Lançou em 2010 a publicação *Brasília: o despertar do gigante*. Em 237 páginas, a escritora eternizou as memórias da construção da capital com textos e fotos. De segredo, só guarda a própria idade. "Tenho horror a preconceito. E há o preconceito etário", justificou.

Helena conhece Brasília em seu íntimo. "Vejo a cidade como se fosse a minha filha mais velha. Brasília não foi feita de cimento, mas de solidariedade. Tem espírito. É um sonho do qual jamais vou desistir", afirmou. Em 1962, a então jovem Helena prestou o primeiro vestibular da Universidade de Brasília (UnB), para arquitetura. E foi aprovada.

A pioneira nunca vai esquecer o dia em que assistiu a uma aula no Auditório Dois Candangos: o professor foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Ele estava prestes a sair do país, em exílio, e foi até lá. Quando já estava de saída, JK passou por mim e me deu um abraço inesperado. Reconheceu meu rosto. Eu disse: 'Muito obrigada por Brasília. E ele saiu', recorda, emocionada.

Nos anos 1980, Helena passou a trabalhar no Senado Federal, como consultora legislativa concursada. Durante muito tempo, redigiu projetos de lei e, principalmente, os discursos pronunciados pelos parlamentares. Aposentou-se com direito a homenagens e diploma de honra ao mérito. O maior orgulho da candanga, porém, é ter deixado outra contribuição para a cidade: uma parte da nova geração. Helena teve quatro filhos, dos quais três estão vivos. Hoje, é avó de 10 netos. Todos orgulhosamente brasileiros.